

## ARTES, CORPOREIDADES E SUAS INTERFACES COM A TERAPIA OCUPACIONAL: CONSTELAÇÕES INICIAIS E AS IMAGENS DO PRESENTE

Arts, Corporealities and their interfaces with Occupational Therapy: initial constellations and images of the presente

Artes, corporalidades y sus interfaces con la Terapia Ocupacional: constelaciones iniciales e imágenes del presente

**Eliane Dias de Castro**

<https://orcid.org/0000-0003-4980-9292>

Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em Estética e História da Arte e Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social. São Paulo, SP, Brasil.

**Grasielle Silveira Tavares**

<https://orcid.org/0000-0003-4609-6792>

Universidade de Brasília, Curso de Terapia Ocupacional. Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Desenvolvimento e Cooperação Internacional-CEAM/UNB, Brasília, DF, Brasil

**Juliana Araújo Silva**

<https://orcid.org/0000-0002-2028-9417>

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Terapia Ocupacional, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

### Resumo

Os temas das Artes, Corporeidades e suas interfaces com a Terapia Ocupacional produziram no Brasil multiplicidades de práticas, proposições formativas e conceituais que se desdobraram em elaborações do pensamento e da sensibilidade dos profissionais envolvidos. Neste contexto foram agenciados atendimentos, projetos, encontros, trocas e ativações do cuidado das pessoas e grupos em situação de fragilidade e vulnerabilidade social que mobilizaram linhas de intervenções clínicas, éticas, estéticas, emancipatórias e participativas da vida social e cultural. Ao acompanharmos alguns processos que emergiram no presente, visualiza-se que a Terapia Ocupacional integrou em suas ações a importância dos processos de criação e expressão através das artes e do corpo e difundiu outras possibilidades de convivência e potencializações do cotidiano provocando efeitos políticos nos cenários e ambientes no qual a vida acontece. Este editorial realiza um sobrevoos nos plurais acontecimentos que derivam desses entrelaçamentos e se constelam na profissão. Os textos selecionados mostram camadas da produção e atualização do conhecimento, formam imagens do presente e convidam à partilha de experiências críticas e sensíveis que contribuem na vida cultural das cidades e na produção de uma saúde que se faz nos territórios das vidas.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional, Arte, Corpo, Participação Social.

### Abstract

The themes of Arts, Corporealities and their interfaces with Occupational Therapy produced in Brazil a multiplicity of practices, formative and conceptual propositions that unfolded in elaborations of the thinking and sensitivity of the professionals involved. In this context, services, projects, meetings, exchanges and activations of care for people and groups in situations of fragility and social vulnerability were arranged, which mobilized lines of clinical, ethical, aesthetic, emancipatory and participatory interventions in social and cultural life. When we follow some processes that have emerged in the present, we see that Occupational Therapy has integrated into its actions the importance of the processes of creation and expression through the arts and the body and has disseminated other possibilities of coexistence and enhance of everyday life, causing political effects in the scenarios and environments in which life happens. This editorial takes a look at the multiple events that arise from these intertwinings and are present in the profession. The selected texts show layers of knowledge production and updating, form images of the present and invite the sharing of critical and sensitive experiences that contribute to the cultural life of cities and the production of health that is created in the territories of lives.

**Key words:** Occupational Therapy, Art, Body, Social Participation.

### Resumen

Los temas de las Artes, las Corporeidades y sus interfaces con la Terapia Ocupacional produjeron en Brasil multiplicidades de prácticas, proposiciones formativas y conceptuales que se desdoblaron en elaboraciones del pensamiento y la sensibilidad de los profesionales involucrados. En este contexto, se organizan servicios, proyectos, encuentros, intercambios y activaciones de atención a personas y grupos en situación de fragilidad y vulnerabilidad social, movilizandol líneas de intervención clínica, ética, estética, emancipadora y participativa en la vida social y cultural. Cuando seguimos algunos procesos que han surgido en el presente, queda claro que la Terapia Ocupacional ha integrado en sus acciones la importancia de los procesos de creación y expresión a través de las artes y el cuerpo y difundido otras posibilidades de convivencia y potenciación de la vida cotidiana, provocando efectos políticos en los escenarios y ambientes en los que sucede la vida. Este editorial echa un vistazo a los numerosos acontecimientos que se derivan de estos entrelazamientos y se constelan en la profesión. Los textos seleccionados muestran capas de producción y actualización de conocimientos, forman imágenes del presente e invitan a compartir experiencias críticas y sensibles que contribuyen a la vida cultural de las ciudades y a la producción de salud que se da en los territorios de vida.

**Palabras clave:** Terapia Ocupacional, Arte, Cuerpo, Participación Social.

### Como citar:

Castro, E.D.; Tavares, G. S.; Silva, J. A. (2025). Artes, Corporeidades e suas interfaces com a Terapia Ocupacional: constelações iniciais e as imagens do presente. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(1): 2918-2932. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto67328.

## **Memórias, constelações, afetos e resistências**

Os temas das Artes, Corporeidades e suas interfaces com a Terapia Ocupacional produziram e reuniram experiências práticas, formativas e materiais conceituais que se desdobraram em elaborações do pensamento e da sensibilidade, agenciando muitos atendimentos, projetos, encontros, trocas e ativações do cuidado das pessoas e grupos em situação de fragilidade e vulnerabilidade, tocando aspectos clínicos, emancipatórios e participativos da vida social e cultural.

Simultaneamente, nessa trajetória, entrevistamos dimensões clínicas, éticas, estéticas e políticas dessas ações que instauraram multiplicidades de caminhos enriquecendo criativamente o papel de terapeutas ocupacionais na produção da saúde e na construção da cidadania cultural. São estudos e práticas que envolveram uma produção coletiva e abriram no campo sociocultural lugares de presença e criação com as pessoas acompanhadas.

Foi uma surpresa, quando em 2010, na preparação de uma disciplina para estudantes do 3º. ano do Curso de Graduação da USP, perceber que poderíamos trabalhar em torno desses temas apenas com a produção de terapeutas ocupacionais. Tínhamos construído coletivamente experiências, estudos e publicações de terapeutas ocupacionais consistentes, e emancipatórias para formar e informar estudantes e apresentar um território de práticas inovadoras, com criação, sensibilidade, afeto e posicionamento crítico (Castro; Liberman, 2021).

O movimento vivenciado aponta a existência e permanência destes temas na profissão e permitiu aprofundamentos e camadas formativas de um trabalho vivo, “feito de multiplicidades e devires, expressão e cooperação, portanto construção material de mundo e história, de lutas e movimentos, de desejos de transformação” (Lima et al., 2020, p.36). São forças que se desdobraram na organização deste número especial para a *Revisbrato*, com a vontade de apreendermos experiências atuais que tocassem as Artes, Corporeidades e suas interfaces com a Terapia Ocupacional e povoassem de novos elementos esta paisagem com continuidades, inovações e deslocamentos.

Para este editorial, algumas questões-guia nos orientam:

- Que linhas ou pontos de construção histórica destes temas são visíveis nesta formulação prática e conceitual de terapeutas ocupacionais no Brasil?
- Qual a força transversal desses temas, isto é, que diálogos são estabelecidos com outras áreas do conhecimento e que forças se depreendem no encontro de muitos atores sociais?
- Que movimentos enraizaram essas práticas e constituíram aberturas nas experiências? Como essas linhas de ativação se estabeleceram nas diferentes regiões do Brasil?
- É possível apreender o ponto maturacional dessas práticas e o que elas nos dão a ver? E, que desdobramentos produzem na produção de vida, experiências e na construção dos direitos sociais e culturais das pessoas atendidas?

São questões que nos atravessaram na proposição e curadoria desta publicação, nos detivemos em materiais que indicavam as primeiras publicações desses temas no campo da Terapia Ocupacional, mapeamos e acompanhamos as publicações da área no Brasil, o que nos auxiliou a constituir um cenário atual destas mobilizações no qual foi possível tocar consistências, reflexões, movimentações e inovações acompanhadas e numa exequibilidade factível, manter-nos nos registros do corpo, da sensibilidade e do pensamento, de modo atento para descrever o que pode-se apreender dos caminhos do conhecimento em processo.

Mais uma vez, e na convergência das metodologias nesse território, a cartografia nos possibilitou acompanhar processos, conhecer o coletivo das forças do território existencial que nos encontramos implicadas, mantermo-nos atentas ao que está surgindo ou emergindo no campo e às complexidades das trajetórias percorridas. A "atenção do cartógrafo é, em princípio, aberta e sem foco, e a concentração se explica por uma sintonia fina com o problema" (Passos; kastrup & Escóssia, 2009, p. 40).

Efetuamos um 'gesto de rastreio' para acompanhar o 'plano coletivo de forças', como nos descreve Passos et. al (2009, p.78-92), que ampliam o olhar para a apreensão de camadas deste campo, sua processualidade, marcas e acontecimentos. E, numa mirada histórica, encontramos um "campo fértil e diverso de problematizações, leituras e proposições" (Cardinalli; Silva, 2019, p.36). As publicações deste número especial são desdobramentos de uma maturação no campo e das forças de afetação que se propagaram pelo território nacional, derivam de durações e intensificações de projetos e reflexões que se afirmaram como resistências, - criativas, clínicas, estéticas e políticas -, e estão presentes nas diferentes ecologias que foram instauradas com sustentabilidade, diversidade e pluralidade.

Nas publicações iniciais da área da Terapia Ocupacional no Brasil encontramos algumas pistas que levaram terapeutas ocupacionais a estabelecerem articulações, nomeações e correlações ao observado nos atendimentos de terapia ocupacional. É no exercício clínico da profissão que surgem experimentações plásticas, artísticas e corporais, que vão se transformar, a partir dos anos 80 do século XX, em projetos para todas as populações atendidas, presentes no acompanhamento da infância, juventude, vida adulta e no envelhecimento.

Ao integrar esses temas e encontrar modos de embasar conceitualmente e descrever o pensamento, os sentimentos, a sensibilidade, as cenas e a vida que se processa no lugar de intervenção da Terapia Ocupacional, não podemos deixar de citar e recuperar linhas do trabalho de Nise da Silveira, que como psiquiatra colocou em cena uma Terapia Ocupacional que inovou o cenário das relações estabelecidas entre saúde mental e as artes no Brasil. Aproximando esses campos com os ateliês artísticos implantados e acompanhados por ela no âmbito da assistência psiquiátrica, entre os anos 30 e o início dos anos 80 do século passado. Nise enfatizou relações com artistas e críticos de arte, o que propiciou uma série de exposições e debates sobre os trabalhos e produções realizadas nos ateliês, com desdobramentos como a abertura do Museu de Imagens do Inconsciente, criado em 1952, com repercussões nacionais e internacionais (Castro & Lima, 2007). Seu trabalho, composto por assistentes, terapeutas, artistas, críticos e pela leitura singular da psiquiatra, provocou deslocamentos na produção artística brasileira e um interesse constante de muita gente, operando como um antecedente potente, iluminando muitos

fazer e caminhos do que vem sendo produzido ao longo do tempo e na contemporaneidade, e nos retorna à memória constantemente.

Pode-se dizer que atravessando os tempos, para a Terapia Ocupacional, as Artes e as corporeidades afirmam-se como lugares onde a vida se faz, onde pessoas são cuidadas e podem estar, se ocupar, experimentar, vivenciar, criar, expressar e entrever modos de seguir caminhando, existindo, se relacionando, transformando cenários cotidianos, sociais e culturais. Deste modo, as primeiras formulações deram início à uma produção de conhecimentos que se estendeu pelo campo e na qual podemos apreender 3 amplos movimentos que estão interligados, estabelecem pontos de contato e intersecção e encadeiam trocas de forças e intervenções entre eles.

O primeiro movimento se faz conectado às necessidades efetivas relacionadas ao contexto clínico no qual terapeutas ocupacionais afetadas pelas necessidades de instaurar processos de criação, expressão e comunicação com as pessoas atendidas, buscam outras materialidades e possibilidades expressivas para acolherem níveis de diferenciação perceptual, afetiva e cognitiva, com bases no vínculo estabelecido entre pessoas e grupos, as atividades e os terapeutas ocupacionais. Esses atendimentos, individuais e grupais, são formulados na esteira da psicanálise, da psicologia analítica, das terapias corporalistas, e um pouco mais à frente, com a Filosofia, a Estética e, em especial, a Filosofia da Diferença, abrindo um campo fértil de leituras e compreensões do processo terapêutico ocupacional e das mobilizações das formas de expressão artística e das corporeidades das pessoas atendidas. Estudos aprofundados desses temas atravessam modos de cuidar, produzir a vida cotidiana e a convivência entre pessoas.

Na cidade de São Paulo, o CETO (Centro de Estudos de Terapia Ocupacional), fundado por Jô Benetton e Sonia Ferrari, formava, na década de 80, terapeutas ocupacionais e realizava algumas aproximações nesse sentido. No lançamento do primeiro número da Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional, as editoras, Benetton e Ferrari (1995), falam de uma Terapia Ocupacional brasileira preocupada em construir trabalhos consistentes que fortalecessem bases teóricas para o campo e ampliassem o conhecimento com um olhar para a produção clínica. No editorial, encontram-se linhas de referência às Artes, relacionando-as à apreensão do outro como modos de compreender “o sentido – não sentido” do estar no mundo (p.4). Neste mesmo periódico, o texto de Cecília Cruz Villares (1995, p.47), aponta aproximações importantes para as conexões das Artes e da Terapia Ocupacional, apresentando a Arte como presença, como uma realidade em si própria, afirmando que a Arte é uma forma de expressão, realizada com a intenção de causar alguma impressão, avaliada pela resposta daqueles que a apreciarão. A autora circunscreve o processo terapêutico ocupacional, utilizando conceitos da arte e da arte terapia. Para ela, as atividades e a expressão artística estimulam e refletem a interação entre paciente e terapeuta, e o desenrolar do

“material terapêutico, é caracterizado por mudanças nos níveis de diferenciação perceptual, afetiva e cognitiva, na maneira como se expressam na relação entre paciente e terapeuta (...) o que se passa é o resultado da convergência de processos através dos quais o terapeuta constantemente tenta organizar múltiplos níveis de comunicação e criar estruturas para o paciente (...)” (Villares, 1995, p.46).

Acompanhamos nestas publicações iniciais, terapeutas ocupacionais envolvidas(os) com práticas e estudos da saúde mental, das corporeidades e dos processos de criação, que vão adensar e inovar os cuidados clínicos das pessoas, atender grupos e supervisionar profissionais. Formados nos anos 70 e 80, trabalham na orientação de instaurar tempos e espaços para a vivência do criativo, apreendendo com isto uma ampliação da capacidade de agir e pensar das pessoas e grupos acompanhados. Nessa perspectiva, as experiências de criação podem tornar a vida mais potente, e, atuam com foco na relação estabelecida com as pessoas e grupos que estão sob seus cuidados. Cientes da formatividade presente nas vivências dos processos artísticos e corporais, acolhem as experiências estéticas que daí se desdobram, o que implica reconhecer um certo modo de fazer inventivo, afirmando uma "produção que é indissolúvelmente invenção" (Lima; Isoda; Castro, 2012, p. 289).

Silva e Castro (1990) articulam os processos criativos e a terapia ocupacional, e apresentam um modo de trabalhar que supõe o uso de atividades a partir desse processo, com atenção em promover o contato com aspectos subjetivos e objetivos da realidade das pessoas, "abrindo-se, a partir daí, espaços para o aparecimento de formas de expressão mais integradoras da personalidade" (p.71). Ressaltam a importância do lugar das atividades na reordenação interna das pessoas, no reconhecimento de estruturas e desestruturas à medida em que as realizam. Indicam que os modos de se relacionarem com a materialidade das coisas, com os diferentes materiais, podem favorecer o reconhecimento de aspectos de suas histórias de vida, estabelecendo um processo de "jogo entre o vivenciar e o simbolizar, isto é, entre o que é sentido e pensado" (p.72). Tratam as atividades expressivas e artísticas como veiculadoras dos sentimentos quando a linguagem verbal não é capaz de fazê-lo. Neste texto, para os autores, a Arte é sempre criação de uma forma, dá expressão ao sentir, e nela não há convenções explicitamente formuladas, "as formas de Arte não são propriamente símbolos convencionais (...) elas concretizam sentimentos numa forma para que possamos percebê-los" (p.72). Ao enfatizarem o processo criativo, falam das forças ordenadoras e configuradoras que se apresentam, que transformam os momentos vividos e ampliam experiências de compreensão, "criando e sempre formando, estrutura-se uma consciência perante a vida". (p. 74).

Maria Regina Margini Marques (1991) nos conta sobre a experiência do Ateliê Bricoleur apresentando-o como um modo de inserção social de pessoas em sofrimento psíquico, em especial aquelas que vivenciam estados psicóticos. Para sua implantação, realizada conjuntamente com as pessoas atendidas, a terapeuta ocupacional foi movida pelos questionamentos sobre "qual o significado para os pacientes de suas produções nas sessões de T.O.?" (p. 202). Em sua experiência nos acompanhamentos das pessoas, ficava claro a necessidade dos pacientes em se articularem e estabelecerem outros vínculos sociais, além dos atendimentos de seus tratamentos. Ao acompanhá-los nos moldes dos 'Acompanhamentos Terapêuticos' observava a experiência de passagens para a vida coletiva, suas nuances e problemas. No ateliê buscou trabalhar com alguns princípios que orientam a convivência e os acompanhamentos. Ela nos diz:

"O Ateliê Bricoleur não é uma oficina para passar o tempo, é um espaço que está sendo fundado juntamente com aqueles que se dispõe a atender. Por esta razão, as atividades que lá estão sendo desenvolvidas foram escolhidas pelo próprio sujeito que as realiza. Um dos princípios

básicos do Ateliê é ouvir, para que o desejo singular de cada um possa se expressar e encontrar vias de possibilidade, de canalização e ressonância.”. (Marques, 1991, p. 208)

Encontramos nesta proposta princípios importantes que afirmam uma ética para a Terapia Ocupacional: trabalha-se no ritmo e possibilidade de cada um de seus integrantes, para que possam se expressar e descobrir os interesses, as vontades, o que gostam e o que não gostam, enfim, experimentar um espaço de circulação dos afetos, pensamentos, palavras, diferenças. A proposição e implantação do Ateliê no cenário das práticas terapêuticas ocupacionais retrata um espaço onde

“o trabalho e as atividades culturais são utilizadas como recursos intermediários para que possa haver trânsito e circulação em contraponto ao fechamento, ao enclausuramento, paralisação e cristalização, situações estas comuns na vida de um psicótico. Embora o Ateliê seja uma instituição de trabalhos e atividades culturais, posso afirmar também que é terapêutico. (Marques, 1991, p.209).

Outras e outros terapeutas ocupacionais adentraram os temas nos anos 80 e 90 do século XX, e muito teríamos a falar sobre suas contribuições clínicas, sensíveis e críticas, sobre as relações entre criação, atividades humanas, expressão, arte, corpo, contextos culturais e produção de vida. É fundamental citar ao menos alguns trabalhos e pontuar suas contribuições.

Vivian Farah Nassif, numa pesquisa para a Universidade de São Paulo em 1988, fez um “Estudo comparativo sobre o uso da tinta e madeira como recurso terapêutico para pacientes psicóticos em Terapia Ocupacional”, na qual trata do uso desses materiais como facilitadores de expressão e da fantasia, da importância do embate com materiais que permitem a expressão de sentimentos e emoções. Nesta mesma universidade, Maria Inês Brito Brunello (1991), em “Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento em Terapia Ocupacional” resgata as dimensões culturais das atividades humanas que surgem nos atendimentos, marcando aspectos antropológicos e sociais da expressão cultural.

Para complementar este primeiro movimento de aproximação das forças de criação à Terapia Ocupacional, Cardinali & Castro (2019) acompanham a trajetória de terapeutas ocupacionais que investiram “suas formações e práticas numa experiência transdisciplinar que se dá nas interfaces da arte, do corpo, da cultura, da saúde, da educação e do campo social” e operaram uma intervenção contra hegemônica com articulações constantes entre teoria e prática. Mariangela Quarentei, Marcus Vinicius de Almeida, Flávia Liberman e Elizabeth de Araújo Lima, contribuem com suas experiências e referenciais teóricos e metodológicos na compreensão da importância dos fazeres criativos e significativos para a profissão. Cada um com seus estudos e contribuições singulares, vieram enriquecer o ‘fazer-pensar’ na Terapia Ocupacional, e suas atividades profissionais e publicações ampliaram cenários da formação e das práticas com contribuições robustas sobre a importância dos processos de criação também na transformação de “um sistema de valores e padrões estéticos, principalmente aqueles determinantes que se referem à beleza” (p.593). Para as pesquisadoras e o pesquisador, o exercício de aproximação desses temas requer “muita experimentação e coragem para compor a construção de novas referências” (p.593). O artigo avança nas análises e nos apresenta quatro analisadores que direcionam e articulam a

reflexão, são eles: experiências de vida e repertório criativo, experiências profissionais transdisciplinares, investimentos em fundamentos da Terapia Ocupacional e, em destaque, as descobertas de um caminho que relaciona inventividade e produção de vida. São concepções e práticas que apreendem movimentos coletivos de apropriação e reinvenção da vida e “favorecem a produção de existências singulares, justapostos aos processos de ressignificação de ações e da vida ativa e coletiva das populações” (p.585).

Com essas mobilizações e borrando as marcações dos tempos, um segundo movimento iniciado no final dos anos 80, que atravessa os anos 90, e ganha muita visibilidade na mudança de século, é marcado pelos processos de abertura democrática no país, pela Constituição de 1988, pelas lutas para a desinstitucionalização psiquiátrica, pela reforma psiquiátrica e pelo movimento de luta das pessoas com deficiência com a busca de equiparação de oportunidades e participação social. São marcadores democráticos que vieram renovar conceitos e práticas, e promoveram, na circunscrição desse território de interfaces, a multiplicação de projetos artísticos para as pessoas atendidas, e sua extensão para o atendimento de outros grupos vulneráveis, com maior expressão dessas transformações a partir dos anos 2000. Nesse âmbito, os conceitos de Reabilitação e Saúde adquiriram significações diferenciadas e complexas e passam a acontecer níveis diversos de ações no território para a transformação da vida das pessoas atendidas que se tornaram parte do cotidiano dos profissionais de terapia ocupacional. (Castro, 2000).

Os projetos e práticas com as artes e o corpo relacionados aos processos de desinstitucionalização, caracterizados pelas ações no território e construção da vida cotidiana e da participação social, coexistem às práticas de cuidado de si e do outro, das situações da vida, dos modos de habitar os espaços e tempos, e diversificam possibilidades de convivência e do viver junto. Há a intenção de trabalhar com os projetos a construção de redes sociais e de suporte, pensam-se modos de transformar as produções, compreendidas como modos de interferência nos cotidianos, e, as experimentações coletivas são eleitas para construir a participação na vida comunitária, social e cultural. Mobilizados pela necessidade de habitar outros espaços, as praças, os espaços públicos da cidade, os projetos culturais, as propostas que se configuraram nesse período, são caracterizados como estratégias de cuidado presentes num espaço relacional plural, considerando a singularidade dos sujeitos e adequados aos seus contextos de vida (Castro, Saito, Drumond & Lima, 2011).

O Pacto, Programa Composições Artísticas e Terapia Ocupacional do Curso de Terapia Ocupacional da USP inicia em 1996 uma proposição artística e clínica que favorece as linhas de composição com os processos de desinstitucionalização e as ações territoriais. Os ateliês de arte e corpo intermeados por um café com acompanhamentos para a pausa coletiva, proporciona a convivência e a construção de um modo de operar favorecendo as relações sociais. Construído conjuntamente com docentes, terapeutas ocupacionais e estudantes, foi se formando por uma diversidade de grupos de trabalho criativo com o intuito de realizar uma produção e fortalecimento de linguagens e expressões culturais e artísticas; construção de experimentações com o corpo e pesquisa de conceitos - corpo, arte, convivência e emancipação cultural, agregando parcerias num trabalho gradual de constituição de rede. E, ao estar atrelado ao ensino da graduação e pós-graduação, trabalhou-se organizando e desenvolvendo estudos, seminários e propostas práticas ligadas à formação, e reuniões semanais de acompanhamento dos

grupos que compõem o projeto. Com extensa duração no âmbito universitário, foi vivenciando transformações graduais, acompanhando as mudanças culturais engendradas pelo próprio projeto e pelas mobilizações das parcerias estabelecidas. Com quase 30 anos de existência, é até os dias atuais uma proposta ativa e inovadora de práticas na assistência e formação. (Lima; Inforsato; Lima & Castro, 2009).

Múltiplas experiências se estabeleceram nas parcerias interdisciplinares e nos projetos que começaram a se espalhar pelas cidades, e que consideraram a presença de terapeutas ocupacionais e de muitos profissionais de outras áreas, - da saúde, artes, educação -, e dos diferentes contextos sociais e culturais, ampliando cotidianos de resistência e criação em 'suportes porosos' para o acolhimento das pessoas e potencialização da expressão e das diferentes formas de viver. São experiências que abriram novas camadas de produção de saberes e de práticas. "O compromisso que prepondera na exposição destas experiências é o de estabelecer um ambiente formativo, a partir do qual se tecem novas relações com o mundo, com suas formas de poder e com os modos de compreender e de viver" (Angeli; Castro; Lima & Inforsato, 2009, p.i).

Por exemplo, em 2011, alguns desses projetos foram reunidos no formato de vídeo instalação, e apresentados no XII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, realizado na cidade de São Paulo. A instalação foi denominada 'Simultaneum, Simultaneous', pois aconteciam ao mesmo tempo, com proposições semelhantes e na mesma cidade. Esta exposição disponibilizada no saguão do Congresso para o público participante criou uma visibilidade fecunda das potentes relações entre Terapia Ocupacional e as Artes com apresentação de múltiplas atividades realizadas e a sensível qualidade das produções. Nesta mostra estavam presentes muitos projetos coordenados por terapeutas ocupacionais e marcavam um lugar fecundo de importantes significações e redes de criação.

Possibilidades de expressão, o corpo, a linguagem, a materialidade das coisas, o estar e produzir juntos e as ações culturais passam a compor e agenciar a ligação de pessoas, terapeutas ocupacionais e outros profissionais implicados com esses fazeres. O cuidado propicia e atravessa a convivência, operaram-se novos sentidos do viver e a conquista de maior autonomia e reconstrução nos modos de participar da vida. A participação nos projetos proporciona um viver juntos, nessa experiência há a "escuta das forças e diferenças, "pedaços, saberes e sabores (...) que tentam conciliar a vida coletiva e a vida individual, (...) a independência do sujeito e a sociabilidade do grupo" (BARTHES, 2003, p.XXXIII)

Este segundo movimento marca uma direção das práticas artísticas e corporais. Seu sentido está em produzir participação da vida comunitária, social e cultural. Para isto, terapeutas ocupacionais se relacionam com os recursos disponíveis no território das cidades, inventariam recursos e estruturas para essa participação, trabalham também para acolher demandas singulares de criação. Esses modos de acompanhar os processos são forças que se articulam nessas redes e auxiliam no enfrentamento coletivo da modelização capitalista do trabalho, da vida e da vulnerabilidade social.

Participar da vida comunitária, social e cultural permite uma conexão e uma movência em outros espaços do viver, favorece uma abertura às experiências coletivas que dialogam com as produções, fortalecem e provocam ressonâncias para os fazeres grupais. Saídas pela cidade acionaram novos lugares sociais. As



proposições estéticas passam a dialogar com formatos múltiplos de organização dos encontros, como: oficinas, ateliês, ensaios, visitas, eventos e as atividades específicas dos grupos. Nestes momentos emergem a compreensão do que se cria artisticamente, dos diálogos possíveis entre produção da saúde e as artes, do que se vivencia corporalmente. E, como resultado, o que se apreende é a absorção, como marca Inforsato (2010), de um alinhamento entre criação artística, produção de vida e subjetividade.

Num outro plano, proliferam as produções bibliográficas de terapeutas ocupacionais que cobrem esse segundo movimento histórico, são encontradas em dissertações, teses, artigos e livros publicados, buscam com seus estudos um fortalecimento conceitual e o registro das experiências das quais fazem parte. Nas universidades há composições que fazem surgir grupos de pesquisa, como exemplo, podemos citar: Laboratório de estudos e pesquisa Produção de Subjetividade, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional (PACTO) da Universidade de São Paulo; Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (AHTO) da Universidade Federal de São Carlos; o grupo de pesquisa Práticas Clínicas em Terapia Ocupacional (PRACTO) da Universidade Estadual do Pará; a participação de terapeutas ocupacionais em grupos interdisciplinares como o Laboratório Arte e Corpo da Universidade Federal de São Paulo; o Laboratório de Arte, Cultura, Acessibilidade e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro; e o Laboratório de Pesquisa e Vivência sobre o Corpo na mesma universidade; além de projetos de extensão como o Programa Transdisciplinar em Terapia Ocupacional, Corpo, Cultura e as Artes (TOCCA) da Universidade de Santa Maria e o projeto Terapia Ocupacional, Arte, Corpo e Cultura no cotidiano das comunidades (TOCAR) da Universidade de Brasília. Estes grupos, e outros aqui não mencionados, vem trabalhando em diferentes frentes, a partir de referenciais variados. Há o investimento em narrar e problematizar: aproximações históricas entre o campo artístico e o clínico (Lima, 2009; Castro, 2001); as práticas realizadas nessa interface, em serviços de saúde (Aleixo, 2016; Buelau, 2013) em oficinas de experimentação autônomas, em coletivos de criação (Inforsato, 2010; Silva, 2012), e reflexões sobre acessibilidade (Caldas & Maximino, 2016; Dorneles et al., 2019).

Nesse sobrevoo histórico, configura-se ainda um terceiro movimento, que apreendemos nas primeiras décadas do século XXI, que coloca em operação a construção dos direitos humanos, as lutas pela equidade e diversidade, a garantia das condições de criação e difusão das expressões culturais e a possibilidade de participação da vida cultural (Mambert, 2005). Estas orientações estão relacionadas à atenção e fortalecimento das políticas públicas de saúde mental, às políticas de humanização e às políticas de cultura que buscam construir o direito à diferença, valorizar a diversidade e o convívio entre diferentes culturas no território nacional. Muitas experiências e projetos abrem novos lugares na descentralização cultural e dão expressão e visibilidade à um projeto mais amplo, democrático, para todos os cidadãos brasileiros, estabelecendo diálogos e a pluralidade de redes que intensificam a produção de vida e de novas subjetividades no contexto social. Terapeutas ocupacionais seguem envolvidas(os) nesse movimento plural e prosseguem participando de estratégias e estabelecendo parcerias com profissionais de vários campos do conhecimento, acolhendo e veiculando expressões culturais populares e artísticas, mobilizando campos sensíveis de trocas e criação, acionando instrumentos de conhecimento e fortalecimento de expressões ligadas aos grupos sociais mais vulneráveis.

Em todo o território nacional há um plano de ações práticas, de forças transdisciplinares, que permanece em composição - as artes, o corpo, a cultura e a Terapia Ocupacional - seguem intensificando, com a diversidade cultural, a produção de vida, de saúde mental, de cidadania, contaminando muitos níveis de complexidade, da vida comum e das práticas cotidianas. Experiencia-se coletivamente a produção de 'redes quentes', isto é, composições heterogêneas, comprometidas com a vida, articuladas à um território, de configurações transversais (Ferigato, 2023).

As práticas de cuidado persistem atravessando os projetos e grupos de criação, dando luz às políticas de resistência para a invenção de outras ecologias. Efetivamente, há uma ampliação da potência de intervenção da Terapia Ocupacional que se desloca para o compartilhamento de "um mundo sensível comum" que se faz no "entrelaçamento de uma pluralidade de atividades humanas", numa "recomposição das relações entre o fazer, o ser, o ver, o dizer, o ter e o viver, reconfigurando as partilhas do sensível", como nos diz Rancière. (Rancière, 2005, p.63-64).

Nas últimas décadas, reconhecem-se forças de um movimento de emancipação social e cultural, não sem enfrentamento e lutas, no qual a sensibilidade, as relações sociais e ambientais, outras corporeidades e a produção de subjetividades encontram modos de fortalecimento da capacidade de cada um utilizar seu equipamento sensível e intelectual para inverter a lógica de funcionamento da máquina capitalista, produzir uma mudança de atitude e conquistar tempo e espaço para formar "um outro corpo e outra 'alma'" para colocar em ação as capacidades de sentir e falar, de pensar e agir que pertencem a todos nós e a qualquer um de nós. (Rancière, 2012, p.43).

Essa movência emancipatória entra no cenário das produções artísticas e corporais e muitas publicações de terapeutas ocupacionais que habitam esta interface emergem e auxiliam nos enfrentamentos do contexto contemporâneo (Silva; 2019; Cardoso; Tavares & Oliveira, 2024): do consumo, da competência, da acumulação e das "exigências sobrehumanas de autonomia das forças da produção técnica, cultural, criativa, o que significa abandono e esvaziamento do imaginário e dos lugares de trabalho". (Berardi, 2011).

Os 3 movimentos vivenciados no desenrolar da profissão e aqui mapeados apontam vasos comunicantes, que percutem um no outro, se contaminam, redesenhando fronteiras pois novas ressonâncias se fazem ouvir (Oury, 2009). Com atenção, criação, vitalidade, sensibilidade e delicadeza, terapeutas ocupacionais vêm trabalhando na contemporaneidade, encontrando tentativas de re-ativação da dimensão corpórea, física, desejante e sensível, mirando a desocupação, a pausa, o intervalo e a lentificação como modos de estabelecer conectividades inusitadas, outras ligações sociais. A continuidade do acompanhamento e formação de terapeutas ocupacionais é essencial para a afirmação desse movimento coletivo e para vivificar a dimensão vital do trabalho, do pensamento e da reflexão a partir do "caldo das questões viscerais que tomam de assalto a TO contemporânea" ... assim seguiremos em conexão com os problemas provenientes dos modos de existência ditos 'menores', e conjuntamente seguimos experimentando e reinventando modos de existência, de expressão de uma coletividade. E como na Terapia Ocupacional "não há fórmulas prontas, nem receitas universais, encontramos neste campo de interface, ferramentas a serem inventadas e experimentadas para dar conta de contextos singulares, de situações-limite, de estrangulamentos existenciais ou políticos" (Castro, 2014).

## A ecologia do Dossiê

O impulso propositivo deste dossiê surgiu com o projeto "Conversas abertas sobre arte, cultura, participação e terapia ocupacional", vinculado às atividades de extensão o projeto Terapia Ocupacional, Arte, Corpo e Cultura no cotidiano das comunidades (TOCAR) da Universidade de Brasília. Este projeto surgiu do processo dos pós-doutorados que estavam sendo realizados por duas terapeutas ocupacionais, Grasielle Silveira Tavares e Juliana Araújo, o primeiro vinculado à Faculdade de Medicina e o último, ao Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em Estética e História da Arte, ambos da Universidade de São Paulo, e com supervisão de Eliane Dias de Castro. Os estudos apresentaram como pontos comuns a discussão de ações de assistência e ensino intersetoriais entre os campos da saúde, educação e cultura. Com o advento do distanciamento social devido a pandemia causada pela Covid-19, na passagem entre os anos 2019 e 2020, e a interrupção das atividades presenciais de pesquisa, surgiu a ideia de promover encontros virtuais que agregassem pessoas interessadas no tema com o compartilhamento de experiências a serem pensadas coletivamente. Terapeutas ocupacionais estão constantemente produzindo caminhos de atuação junto a vários campos, colocando-se cada vez mais próximos das demandas individuais e/ou coletivas das pessoas acompanhadas pela profissão. Assim como as propostas práticas se intensificam, as pesquisas e linhas de raciocínio na área fazem o mesmo (Cardinalli & Castro, 2019).

Foram organizadas seis conversas, assim nomeadas: 1. *Desvio - Padrão: do guarda-chuva, um bote com Maria Fernanda Carmo*; 2. *Arte e Corpo nos desenhos de formação da Terapia Ocupacional com Eliane Dias de Castro e Flávia Liberman*; 3. *Articulação coletiva e territorial em projetos culturais e artísticos no cuidado de diferentes populações com Mariana Louver e Alessandra Rizzi Costa*; 4. *Diálogos sobre formação em acessibilidade cultural com Patricia Dorneles*; 5. *A arte de Lygia Clark na promoção de saúde e cidadania cultural para crianças e jovens com autismo com Renata Mecca*; 6. *Andanças com o TOCCA com Andrea Amparo Angeli*. Todos os temas eram ligados à arte, cultura, corpo, participação social e Terapia Ocupacional, totalizando em oito convidadas. As inscrições ocorreram de forma online, via *GoogleForms*, ao todo foram feitas 291 inscrições com média de 45 inscrições por encontro, participaram estudantes e docentes de diversos lugares do país, incluídos ou não em coletivos de arte. Todos os encontros realizados trouxeram compartilhamentos singulares da construção da terapia ocupacional em sua interface com as artes, cultura e participação social. Um dos pontos fortes do debate, que atravessou o projeto, foi a questão da formação profissional nesta interface.

Após este ciclo e com as reverberações positivas que fomos recebendo dos encontros, compreendemos que era necessário um espaço onde estas e outras produções pudessem circular de forma acessível à comunidade interessada. Deste movimento surgiu a parceria com a Revisbrato. Vinte artigos compõem este suplemento e nos fazem ver a pluralidade de pensamento, ações e composições que a interface das artes e corporeidades com a terapia ocupacional provocam e promovem. Certamente, se pudéssemos dilatar o tempo, outros tantos estariam integrando este conjunto e trazendo variadas localidades e propostas para a cena. Os leitores encontrarão uma diversidade de atravessamentos nesta interface, que derivam destes movimentos de composição do campo, apresentados anteriormente. Nota-se o

quanto as práticas articularam-se a conceitos, territórios, políticas públicas e vivem em redes capilarizadas com diferentes agentes. Algumas observações são relevantes.

Nota-se que as universidades estão presentes em boa parte dos artigos, não somente como um local de formação, possibilitando a presença da pesquisa através de trabalhos de graduação e pós-graduação. Elas aparecem, muitas vezes, como locais de proposição de ações comunitárias, adentrando territórios centrais e periféricos das cidades, articulando agentes culturais, de cuidado e pessoas de diferentes idades. Notamos ações com o público infantil, juvenil, adulto, pessoa idosa e a pauta da intergeracionalidade. As ações brotam afirmando sentidos dos fazeres criativos, sensíveis que dão continuidade a processos de subjetivação e de construção contínua de cotidianos, expressões, relações e políticas públicas.

A universidade, como instituição, aparece também sendo analisada em sua função educativa em uma sociedade atravessada pelo sistema neoliberal, o sentido das lantificações propositivas nas aulas dos Cursos de Terapia Ocupacional, em gestos pequenos e poéticos que instigam o olhar a vida, a si, o entorno, perceber e dizer do tempo, dos percursos e dos corpos em trânsito que se colocam como resistências aos imperativos da produtividade acelerada e acrítica. A experimentação de si, dos gestos, dos materiais aparece em momentos variados, visibilizando dispositivos formativos que têm potência. E acionando a compreensão do *corpo em atividade*, formando-se, formando o ambiente e tecendo relações e assim produzindo vida. Estas percepções são apresentadas tanto através da vivência de autores enquanto estudantes, como de autores professores.

Saberes tradicionais e diferentes culturas também aparecem neste dossiê. O Carnaval, expressão cultural brasileira, ganha espaço trazendo reflexões e experiências que colaboram com o fortalecimento do acesso à cultura como um direito e um dispositivo de produção subjetiva. E, nas singularidades das experiências aqui apresentadas, enquanto promoção de cuidado antimanicomial em território. Há a possibilidade de conhecer proposições como a realizada em Brasília e denominada Encontro das Artes, que produziu um circuito de trocas através do fazer artístico, movimentos de pessoas com diferentes atravessamentos na vida, vulnerabilidades, mas sobretudo inventividades.

As políticas públicas de cultura e as de saúde aparecem atreladas aos relatos de construções coletivas enquanto importantes pilares e norteadores propositivos. Assim como a produção de espaços de cuidado, escuta e acolhimento podem contribuir com o fortalecimento de movimentos e políticas que tenham menos espaços no território nacional. Ainda, é possível perceber a variedade de experimentações, suportes, técnicas e relações com a arte e o corpo que são feitas. Há trabalhos que apresentam experiências com fotografia, danças, desenhos, construção de mapas corporais e marcas corporais, música. Povoam as possibilidades de propor e vivenciar as atividades humanas, a partir da perspectiva da terapia ocupacional, com o intuito de afirmar a continuidade das vidas, de forma expressiva, autônoma e singular.

Enquanto metodologias apresentadas em muitos artigos, notamos a forte presença da cartografia como uma metodologia bem incorporada na profissão e que parece contribuir com os estudos do campo. Possivelmente, por sua conexão com o pensamento e a operatividade dos processos subjetivos, como

formulados na Filosofia da Diferença. A concepção cartográfica de Deleuze e Guattari envolve o entendimento de que os mapas produzidos nos trajetos de vida, desde que um corpo é bebê, se superpõem uns aos outros e na sua processualidade produzem remanejamentos e subjetivações. O conjunto desses mapas nos permite avaliar os deslocamentos que os pensamentos, afetos e modos de existir fazem. Os espaços com as suas materialidades, pelos quais os corpos se deslocam produzindo trajetos constituem a parte extensiva do mapa; os afectos e as suas variações, que provoca devires, produzem os mapas intensivos. "Os dois mapas, dos trajetos e dos afectos, remetem um ao outro" (Deleuze, 2006, p.77). Gilles Deleuze e Félix Guattari escrevem que traçar um mapa é desbloquear corpos sem órgãos e que podem ser traçados "numa parede, concebê-lo com obra de arte, construí-los como ação política ou como uma meditação" (Deleuze & Guattari, 2009, p.22). Notamos aqui essa aproximação com certas proposições da terapia ocupacional, que trilham fazeres na processualidade do fazer-se e fazermos-nos.

Por fim, houve uma abertura para abrir espaço para as produções realizadas no vasto e diverso território nacional. Considerando que a inserção de profissionais da terapia ocupacional acontece de formas muito distintas nestes territórios. Há artigos da região sudeste, centro-oeste e nordeste. Há também um editorial- catálogo que reúne trabalhos artísticos da região norte do Brasil e das demais presentes. O editorial- catálogo buscou trazer uma pequena dimensão de um transbordamento dos profissionais do campo que, ao investirem na relação entre artes, corporeidades e a clínica, também produzem em fluxos criativos em sala de aula, nos locais de atendimento e para além destes locais, para a vida. Nesse sentido há ali uma pequena amostra das produções que alimentam e fluem destes profissionais colocando em operação a indiscernibilidade entre experimentar, clinicar e ensinar. Este suplemento, o primeiro a trazer esta temática para as revistas nacionais de Terapia Ocupacional, faz assim sua estreia desejando que outras iniciativas possam surgir, em breve.

## Referências

- Aleixo, J.P. (2016). *Centro de convivência e atenção psicossocial: invenção e produção de encontros no território da diversidade*. [Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista]. <http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/136122>
- Angeli, A. C.; Castro, E. D.; Lima, E. M. F. A & Inforsato, E. (2009). Pacto: 10 anos de encontros, pesquisa e produção na interface arte e saúde. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 20 (3). <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i3pi-i>.
- Barthes, R. (2003). *Como viver juntos*. Martins Fontes.
- Benetton, J. & Ferrari, S. (1995). Editorial. *Revista do Centro de estudos em Terapia Ocupacional*. 1(1), p.4.
- Berardi, F. (2011). *A sensibilidade é hoje o campo de batalha político*. Entrevista ao periódico espanhol *Público* 29/11/2011. Boca do Manguê. [http://bocadomanguê.wordpress.com/2011/01/30/"a-sensibilidade-e-hoje-o-campo-de-batalha-politico"/](http://bocadomanguê.wordpress.com/2011/01/30/).
- Brunello, M.I.B (1991). Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento de Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2(1), 30-3. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.1991.224445>

- Buelau, R. M. (2013) *Plataforma Arte, Estação Clínica – fronteiras entre arte e vida*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.93.2013.tde-18122013-184631>
- Caldas, F.L.; Maximino, V.S. (2016) Acessibilidade e experiência estética: um trabalho com mulheres em situação de vulnerabilidade. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 24(1). <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0671>.
- Cardinalli, I. & Silva, C. R (2019). Considerações epistemológicas da produção de conhecimento da Terapia Ocupacional no Brasil. In Carla R. Silva (org.) *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. Saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. AHTO. Hucitec.
- Cardinalli, I. & Castro, ED (2019). Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 3 (4), 584–601. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto27760>
- Cardoso, P. T.; Tavares, G. S. & Oliveira, M. L. (2024). *Experiências Sensíveis e Críticas em Terapia Ocupacional: (entre) linhas formativas* (orgs). Hucitec.
- Castro, E. D. (2000) Arte, corpo e Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo* 11(1), 7-12. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.2000.224370>
- Castro, E.D. (2001). *Atividades artísticas e terapia ocupacional: construção de linguagens e inclusão social*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://repositorio.usp.br/item/001177511>
- Castro, E. D. (2014). Arte no ensino em saúde. In *Anais do Congresso Internacional de Humanidades e Humanização em Saúde*. (mesa redonda). São Paulo: FMUSP.
- Castro, E.D. & Liberman, F. (2021). *Arte e Corpo nos desenhos da formação em Terapia Ocupacional*. In J. A. Silva & Grasielle Tavares 'Conversas abertas Arte, Cultura, Participação e Terapia Ocupacional'. Evento on line organizado em setembro de 2021.
- Castro, E.D.; Saito, C. M; Drumond, F. V. F. & Lima, L.J.C. (2010) Ateliês de corpo e arte: inventividade, produção estética e participação sociocultural. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 22 (3), 254-262. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p254-262>
- Castro, E. D., & Lima, E. M. F. de A. (2007). Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 11(22), 365–376. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832007000200017>.
- Deleuze, G. (2006) *Crítica e Clínica*. Editora 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (2009). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.3. Editora 34
- Dorneles, P. S.; Carvalho, C.R.A. & Mefano, V. (2019). Breve histórico sobre acessibilidade nas políticas culturais do Brasil [Apresentação de trabalho] *Anais do XV Encontro de estudos multidisciplinares em cultura*.
- Ferigato, S. (2023). Múltiplas Redes e Trocas Sociais. In *I Ciclo de Encontros de Terapia Ocupacional em Saúde Mental do Programa de Mestrado Profissional Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social*. Evento on line. São Paulo: MPTO, FMUSP.
- Inforsato, E.A. (2010). Trajetórias de uma clínica nas dobras das artes. *Artefilosofia* (UFOP), 5(9), p. 109-125. <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/638>
- Inforsato, E.A. (2010) *Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum*. [Tese Doutorado, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T.48.2010.tde-22042010-104547>
- Lima, E.M.F.A. (2009) *Arte, clínica e loucura: território em mutação*. Sumus/FAPESP

Lima, E. M. F. A.; Inforsato, E.; Lima, L. J.C. & Castro, E.D. (2009). Ação e criação na interface das artes e da saúde. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 20(3), 143-148. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i3p143-148>

Lima, E. M. F. A.; Isoda, N. M. T & Castro, E. D. (2012). Processos de criação e de escrita: a experiência das Exposições IN PACTO. *Interface*, 16(40), p.287-91. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000100026>

Lima, E. M. F. A.; Inforsato, E. & Castro, E.D. (2020). Corpo e Duração – uma experimentação performativa. *Rapsódia*, 14, p.33-58. <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9772.i14p33-58>

Mambert, S. (2005). Políticas Públicas: Cultura e Diversidade. Pronunciamento na IV Conferência de Educação e Cultura na Câmara dos Deputados. Brasília: SID/MinC.

Marques, M. R. (1991). Ateliê Bricoleur: intervenção no atendimento das psicoses. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 2(4), p.211-15. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.1991.224494>

Nassif, V. F. (1988). Estudo comparativo sobre o uso da tinta e madeira como recurso terapêutico para pacientes psicóticos em Terapia Ocupacional. [Pesquisa realizada para o Curso de Terapia Ocupacional. Universidade de São Paulo].

OURY, J. (2009). *O coletivo*. Aderaldo & Rotischild.

PACTO (2024). Oficinas de Agenciamento do PACTO. s/d [@pacto.usp]. Instagram. Recuperado em 1 fev2025, In <https://www.instagram.com>pacto.usp>

Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.

Ranciére, J. (2012) *O espectador emancipado*. Editora WMF Martins Fontes.

Ranciére, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política*. Editora 34.

Silva, C. (2019) (org.) *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. Saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. AHTO. Hucitec.

Silva, J.A. (2012). *Poéticas e marginalidade: experiências no Projeto Cidadãos Cantantes*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. <http://hdl.handle.net/11449/97576>.

Silva, R. J & Castro, E. D. (1990). Processos criativos e Terapia Ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, 1(2), p.71-75. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.rto.1990.224315>.

Villares, C. C. (1995). O nascer das palavras através do fazer. *Revista do Centro de estudos em Terapia Ocupacional*, 1(1), p.45-9.

**Contribuição dos autores:** E.D.C.: Elaboração, coleta de dados, análise dos dados, revisão do texto; G.S.T.: Análise dos dados, formatação, revisão do texto. J.A.S.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto.

**Recebido em:** 20/02/2025

**Aceito em:** 21/02/2025

**Publicado em:** 12/03/2025

**Editor(a):** Ana Carollyne Dantas de Lima e Ricardo Lopes Correia